

JORNAL DA USP

Ano XIII Nº406

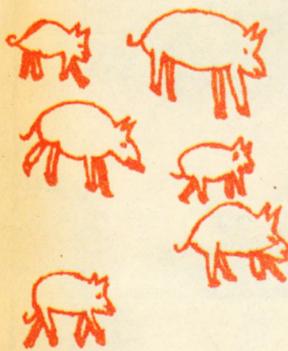
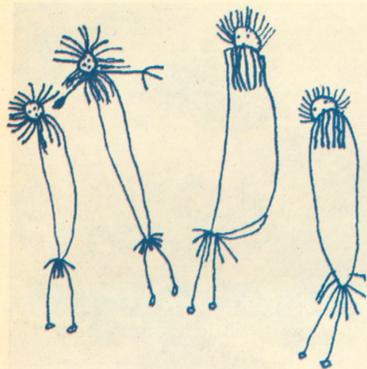
29 de setembro a 5 de outubro de 1997

Coordenadoria de Comunicação Social



Os índios, no traço de suas crianças

As crianças da cidade — muitos adultos também — não sabem quase nada sobre índios. Imaginam gente exótica falando tupi na Amazônia. Foi para corrigir essas crenças que um antropólogo da USP, Luís Donizete Benzi Grupioni, resolveu escrever dois livros sobre o cotidiano e a vida cerimonial dos índios. Crianças indígenas ilustraram os textos. Mais índios: ao participar de homenagem ao padre José de Anchieta, na Filosofia, o sertanista Orlando Villas-Boas disse que a missão dele próprio e de seus irmãos tinha alguma semelhança com a dos jesuítas, mas também uma diferença fundamental — os missionários procuravam os silvícolas para integrá-los à civilização cristã, ao passo que os sertanistas tentavam preservar os nativos e a sua cultura. Págs. 7, 10 e 11



ÍNDIOS

São crianças. E merecem o respeito à diferença

O antropólogo Luís Donisete Grupioni, da USP, lança dois livros ilustrados por crianças indígenas. E reconta a história de diferentes povos em seu cotidiano

LEILA KIYOMURA MORENO

São crianças como todas as outras. Mas que merecem o respeito à diferença. Respeito para continuar a viver sob a natureza. E nadar nos rios. Brincar entre as árvores. Observar o movimento das estrelas, a cor do céu, o colorido das araras. Pintar o corpo com urucum. E ouvir histórias sobre os sonhos e tradições de seu povo.

Foi pensando no futuro dos meninos que integram as 200 diferentes sociedades indígenas que sobrevivem no País, que Luís Donisete Grupioni, pesquisador do Departamento de Antropologia da USP, está lançando Vi-

agem ao Mundo Indígena e Juntos na Aldeia, pela Berlandis & Vertecchia Editores. Os dois livros são os primeiros da Coleção Pawana (em língua caribe significa visitante, amigo ou parceiro de trocas). E têm como objetivo aproximar as crianças da cidade ao universo cultural dos índios brasileiros. "Muitas pessoas acreditam, ainda hoje, que eles são algo do passado ou que eles estão desaparecendo e perdendo suas culturas", explica o autor. "Outros imaginam que só há índios na Amazônia, que todos falam tupi e moram em ocas. Enfim, tem muitas idéias totalmente erradas circulando por aí."

Grupione vem se dedicando ao estudo da cultura indígena há quase dez anos. Tem acompanhado de perto a luta dos bororo, no Mato Grosso; dos zoé, no norte do Pará. Desse convívio, surgiu a idéia de escrever histórias sobre a realidade das diversas tribos. "A intenção é apresentar o cotidiano e a vida cerimonial dos índios, para que eles possam tornar-se mais familiares e menos exóticos."

Mais familiares, menos exóticos

De um galho de árvore, o garoto gritou: "Lá vou eu", e saltou. E foi ele e também um outro que vinha atrás e perdeu o equilíbrio. No rio, brincando e espirrando água para todos os lados, estavam outros garotos da aldeia kamayurá. O dia já amanheceu e o sol aparecia lentamente na linha do horizonte.

Sob o olhar sensível de Grupioni, o dia-a-dia de nove diferentes povos flui em uma linguagem simples, porém poética. "Procurei retratar situações e rituais vividos por crianças e jovens", conta. "Em Viagem ao Mundo Indígena falo sobre os bororo, xikrin, xavante, nambiquara e kadiwéu. E no segundo volume, Juntos na Aldeia, registro cenas dos kamayurá, zoé, tiriyo, waiápi."

Mal clareara o dia, e a mãe de Piritu já estava peneirando

uma massa de mandioca e batata roxa para preparar sakura, uma bebida fermentada que os tiriyo costumam dizer que se parece com a cerveja dos brancos. Nessa época do ano, em dezembro, o sol nasce cedo atrás das montanhas e nos campos da fronteira de dois países vizinhos: o Brasil e o Suriname, lá no norte do Pará, onde moram os tiriyo.

As brincadeiras da garotada nos rios, o trabalho das mulheres no preparo dos alimentos, os rituais das festas, a beleza da paisagem e o ritmo da natureza ressurtem com detalhes. O resultado é realmente uma grande viagem. Todas as histórias foram ilustradas pelos próprios índios. Ao final de cada uma delas, há indicações de livros, vídeos e CDs para que o leitor amplie as informações. As edições são enriquecidas por fotos em papel vegetal de integrantes de cada nação retratada nos textos.

Começa a escurecer numa das aldeias dos índios bororo lá no vale do rio São Lourenço, no Mato Grosso. Será noite de lua cheia. O vermelhão do pôr-do-sol, pouco a pouco, dando lugar a um azul pálido, anunciando o início da noite. O menino Ukwai, sua mãe e duas irmãs arrastam para fora de sua casa esteiras trançadas de palha, onde se sentam. Outras famílias também colocam esteiras na frente de suas casas e estão a conversar.

O antropólogo diz que de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, existem aldeias indígenas em quase todos os estados. "São cerca de 200 sociedades indígenas, falando mais de 170 línguas e dialetos conhecidos", explica. "Cada uma delas tem um modo próprio de ser. Elas não são apenas diferentes da nossa sociedade, mas também se diferenciam entre si: nas tradições, nos conhecimentos, na arte, na economia, na história, no jeito de ver o mundo e de se relacionar. Estima-se que a população indígena totalize mais de 280 mil indivíduos."

Recontando a história

Com estes livros, Luís Donisete Grupioni reforça o trabalho que vem desenvolvendo para mostrar a realidade dos

índios. E recontar a história que ainda é muito mal ensinada nas escolas. "Muitos professores, quando falam sobre a colonização do Brasil, explicam que os índios não eram afeitos ao trabalho", observa. "Surgiu, então, a imagem de que eram preguiçosos. Os historiadores dos livros didáticos esquecem de refletir que os índios, como todas as pessoas normais, não queriam, nem querem ser escravizados. E o pior, muitos professores falam sobre eles como se tivessem parado no tempo adorando deuses, morando em tabas. Trabalha-se com uma imagem falsa de índio genérico. As informações que os alunos recebem são deficitárias e preconceituosas."

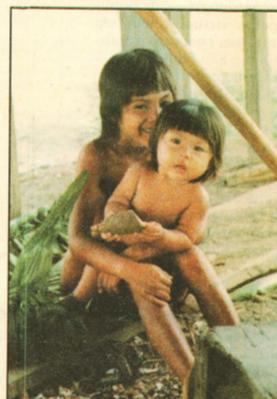
Grupioni esclarece, na apresentação dos livros, o desrespeito que existe com a cultura indígena. Diz, especialmente para as crianças: "Tem gente que não tem consideração com os índios. Acha que eles são atrasados só porque têm um jeito de viver diferente do nosso, de acreditar e explicar as coisas. Outras pessoas acham que o governo garante muitas terras e que eles nada produzem. Poucos sabem que eles trabalham muito para garantir a sua sobrevivência. O respeito que devemos a estes povos não vem do fato de eles serem ecológicos e sim de terem constituído, enquanto seres humanos, formas diferentes de se organizarem. E é por serem diferentes de nós que devemos respeitá-los."

Formado em Ciências Sociais na USP, onde também defendeu sua tese de mestrado em Antropologia Social, Grupioni, 32 anos, tem montado exposições etnográficas e mostras de fotografias sobre os índios. Organizou o livro *Índios no Brasil* (SMC, 1992) e *A Temática Indígena na Escola* (MEC, Mari e Unesco, 1995). Atualmente, é pesquisador do Mari — Grupo de Educação Indígena e do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo.

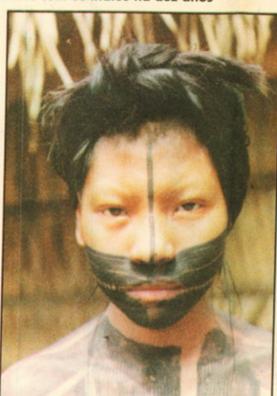
Juntos na Aldeia e Viagem ao Mundo Indígena, de Luís Donisete Grupioni, ilustrados por fotos e desenhos de crianças e adultos das próprias tribos citadas. Coleção Pawana, Berlandis & Vertecchia Editores. Preço: R\$ 16,00 cada volume. Informações pelo fone (011) 853-9583.



Crianças Zoé: vivem isoladas, até há pouco tempo, nas florestas do norte do Pará



O antropólogo Grupioni estuda e convive com os índios há dez anos



Brincar nos rios, pintar o corpo, fazem parte do cotidiano dos meninos bororo e xikrin

Gente com histórias luminosas

Em seus dois livros, *Viagem ao Mundo Indígena* e *Juntos na Aldeia*, o antropólogo Luís Donisete Benzi Grupioni selecionou o cotidiano de nove diferentes povos. Veja a explicação resumida que ele dá sobre cada um deles:

Kamayurá: conta hoje com uma população de 303 indivíduos. Falam o tupi-guarani, vivem na região dos formadores do rio Xingu, numa área próxima à lagoa do Ipavu, dentro do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Convivem com outros 15 povos, formando um grande complexo cultural.

Zoé: São 165 integrantes falando o tupi-guarani. Até há pouco tempo, viviam isolados numa região de florestas, rica em castanhas, entre os rios Erepecuru e Cumínapanema, no norte do Pará. Seu contato definitivo com os brancos ocorreu em 1987, quando se aproximaram de missionários que desde 1982 procuravam atraí-los.

Tiriyo: São habitantes da região fronteira entre o norte do Brasil e o Suriname. Perfazem uma população de 1.700 indivíduos, dos quais 750 vivem no Brasil. Aqui, habitam uma área de campo cerrado, matas e montanhas no norte do estado do Pará. Estão distribuídos em 12 diferentes aldeias, sendo contactados no início dos anos 60 por missionários católicos.

Waiápi: Esse povo soma hoje 498 pessoas no Brasil e outras 650 na Guiana Francesa. Vivem, no País, em várias aldeias numa área de floresta tropical na região do Amapari, no Amapá. Foram contactados pela Funai em 1973, durante a construção da Perimetral Norte. Nos anos 80, expulsaram os garimpeiros e se organizaram para controlar os limites da área que conseguiram demarcar no ano passado.

Bororo: Os bororo se autodenominam boe que, em sua língua, quer dizer gente, pessoa humana. Em contato com os brancos há mais de 270 anos, perderam grande parte de seu território tradicional e sofreram um difícil processo de diminuição de sua população. Hoje, eles somam 914 indivíduos, habitando várias aldeias em áreas descontínuas no vale do rio São Lourenço, no Mato Grosso.

Xikrin: Com uma população estimada em 555 indivíduos, os xikrin formam um subgrupo do povo kayapó. Entraram definitivamente em contato com os brancos nos anos 50. Hoje, habitam uma área de floresta entre o rio Araguaia e o Xingu, ao sul da Serra de Carajás, no Pará. Falam o Jé, sendo conhecidos por suas pinturas corporais que parecem vestimentas ou "peles sociais".

Xavante: Os xavante contam hoje com uma população de 7.100 pessoas. Vivem em várias aldeias, mais de 60, numa região compreendida pela Serra do Roncador e pelos vales dos rios das Mortes, Coluene, Couto de Magalhães, Botovi e Garças, lá no leste do estado do Mato Grosso.

Nambiquara: Dividem-se em três grandes grupos: os do Norte, os do Campo e os da

Mata. Falantes de dialetos diferentes, eles habitam aldeias espalhadas em áreas descontínuas, entre os campos cerrados da Chapada dos Parecis e as matas do vale do rio Guaporé, no Mato Grosso, e em Rondônia. Quando os nambiquara encontraram os brancos, no início deste século, seu povo somava 10 mil habitantes, hoje contam com pouco mais de mil pessoas.

Kadiwéu: Há mais de dois séculos, eles habitam a região sul do pantanal matogrossense, na fronteira com o Paraguai. Falam uma língua da família linguística guaikuru. São conhecidos por serem os únicos índios cavaleiros no Brasil e pela confecção de belas peças de cerâmica. Os kadiwéu perfazem cerca de 1.200 indivíduos.



Os índios revelam, nas suas ilustrações, a alegria do convívio com a natureza